
PODE UMA DIVA POP SER MELANCÓLICA? O IMAGINÁRIO DOS FÃS BRASILEIROS SOBRE ADELE, SUAS MÚSICAS E A MELANCOLIA

CAN A POP DIVA BE MELANCHOLIC? THE BRAZILIAN FANS' IMAGINARY ABOUT ADELE, HER SONGS AND MELANCHOLY

Guilherme Alves
UERJ

Adriana Amaral
UFF

64

Resumo: Esta pesquisa busca compreender de que maneira se institui a percepção dos fãs de Adele, chamados *daydreamers*, brasileiros sobre o imaginário da cantora como uma diva pop melancólica. Com o objetivo de comprovar esta hipótese, adentramos inicialmente as perspectivas sobre melancolia, em especial abordando sua capacidade criativa (Kehl, 2011; Peres, 2011; Silva, 2025) e de resistência contra os moldes neoliberais (James, 2015). Em seguida, buscamos descrever um pouco sobre o que é diva pop (Lister, 2020; Soares, 2020) e como ela se configura junto a seus fãs, através das identidades (Hall, 2022; Woodward, 2014), estudos de celebridades (Rojek, 2008; Duffet, 2014) e a música (Denora, 2000). Seguindo, aprofundamos a perspectiva do capital e da biografia como partes essenciais para a construção musical (Soares, 2022; Wang, 2025), especialmente em Adele. E, por último, analisamos um questionário digital (Bernal, 2010) de 234 respostas, em que somente 155 foram consideradas. Elas foram coletadas junto aos fandoms brasileiros: AdeleLaurieBr (@adelelauriebr) e Adele Access Br (@adeleaccessbr), entre 24/02/2025 e 08/04/2025. A análise rendeu resultados confirmando o imaginário melancólico em torno de Adele, por meio da representação de simbologias e vínculos que os fãs criam com a cantora e suas produções.

Palavras-chave: Estudos de fãs; Cultura pop; Música pop; Diva pop; Melancolia.

Abstract: This research seeks to understand how the perception of Adele's fans, called *daydreamers*, in Brazil, is established regarding the singer's image as a melancholic pop diva. In order to prove this hypothesis, we initially delve into perspectives on melancholy, especially addressing its creative capacity (Kehl, 2011; Peres, 2011; Silva, 2025) and resistance against neoliberal models (James, 2015). Then, we seek to describe

a little about what a pop diva is (Lister, 2020; Soares, 2020) and how she is configured with her fans, through identities (Hall, 2022; Woodward, 2014), celebrity studies (Rojek, 2008; Duffet, 2014) and music (Denora, 2000). Following this, we deepen the perspective of capital and biography as essential parts for musical construction (Soares, 2022; Wang, 2025), especially in Adele. And, finally, we analyzed a digital questionnaire (Bernal, 2010) of 234 responses, of which only 155 were considered. They were collected from the Brazilian fandoms: AdeleLaurieBr (@adelelauriebr) and Adele Access Br (@adeleaccesbr), between 02/24/2025 and 04/08/2025. The analysis yielded results confirming the melancholic imagery around Adele, through the representation of symbolisms and bonds that fans create with the singer and her productions.

Keywords: Fan studies; Pop culture; Pop music; Pop diva; Melancholy.

1 INTRODUÇÃO

Quem nunca se emocionou com alguma canção de um álbum ou trilha sonora de um filme? Ou sentiu que alguma música foi feita exatamente para você, descrevendo aquilo que te aflige? Essas perguntas representam parte da relação fã-diva presentes da cultura pop. Não se trata simplesmente de uma pura relação de negócios ou mercadológica – isso está incluso também –, mas se trata de duas personalidades vinculadas uma à outra e que precisam desta dualidade para coexistir. Eles se moldam primordialmente a partir da diferença (Woodward, 2014).

Dentre esta dicotomia criam-se variadas conexões que vão explicar a existência de um na vida do outro. Alguns relatam serem profundamente tocados pelas músicas, enquanto outros abordam se sentirem representados pela personalidade midiática da diva pop. Independente do motivo, uma coisa é certa, para compreender a relação fã, precisamos entender como cada fã se articula nos mínimos detalhes possíveis. Contudo, não podemos esquecer da presença da diferença, logo, compreendendo o adorador, também buscaremos entender a celebridade, em suas diversas facetas (Duffet, 2014).

É em meio a estas singularidades que este trabalho se encontra. Esta pesquisa busca contextualizar algumas singularidades verificadas nas interações afetivas e parassociais dos fãs brasileiros da diva pop Adele. A partir dessas modulações, compreender a partir da interação dos adoradores como a cantora britânica se consolida imagetivamente como uma diva pop melancólica. A importância deste esforço está na grande demanda atual por divas pop na cultura contemporânea, cada vez mais crescente no Brasil, especialmente com as mobilizações culturais gratuitas que ocorrem

na cidade do Rio de Janeiro, criado pelo atual prefeito Eduardo Paes, o “*Celebration Day*”, que acontece em maio¹.

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, aplicamos dois métodos de análise. O primeiro, a partir de uma análise documental bibliográfica sobre as temáticas de melancolia; fãs e divas; e cultura pop. Em um segundo momento, foi realizado um questionário digital (Bernal, 2010), com algumas particularidades – as quais são aprofundadas mais a frente –, junto aos fãs em escala nacional.

2 ENTRE A MELANCOLIA E A CRIAÇÃO ARTÍSTICA

Segundo o dicionário *online* Dicio², a palavra melancolia significa: a) “Tristeza intensa, profunda e duradoura”; b) “Estado de tristeza intensa, traduzido pelo sentimento de dor moral e caracterizado pela inibição das funções motoras e psicomotoras; abatimento”; c) “[Psicologia] Condição insalubre de enfraquecimento mental ou físico, que ocasiona certas complicações psiquiátricas; psicose maníaco-depressiva”.

A etimologia desta palavra, a partir do dicionário *online*, nos mostra seu significado mórbido e depressivo. Um vínculo a expressão afetiva de tristeza intensa e em excesso. A psicanalista Maria Rita Kehl (2011) contextualiza como o melancólico se relaciona com o indivíduo por meio da criação. Para isso, ela critica, em primeira instância, a dificuldade dos produtores acadêmicos em criar algo legível e acessível a todos, para então, abordar sobre a melancolia. Essa crítica tem valor ao pensarmos no conhecimento como algo a ser compartilhado e coletivo, ao invés de singular e nichado. O mesmo se aplica a arte, em específico, a música, objeto de análise deste trabalho. Quando um artista/músico/cantor se propõe a compor uma obra, é necessário que sua criação seja ouvida e compreendida por aquele que a consome, senão o caminho comunicacional não se constrói com o seu ouvinte. A arte se instaura não somente como

¹ O evento em questão se articula com a Adele devido às diversas pistas deixadas pelo prefeito Eduardo Paes sobre possíveis cantores para se apresentar no ano de 2026 (Em 2024, Madonna foi a atração e em 2025, a Lady Gaga). Um dos nomes mais citados pelo atual prefeito da cidade é o de Adele. Para verificar mais, confira: <https://oglobo.globo.com/blogs/lauro-jardim/post/2025/04/beyonce-u2-adele-taylor-swift-e-mais-os-11-nomes-oficialmente-cotados-para-cantar-em-copacabana.ghtml>. Acesso em: 08.ago.2025.

² Disponível em: <https://www.dicio.com.br/melancolia/>. Acesso: 09.jun.2025.

um processo de autoexpressão, mas também, de conexão com o outro (Ostrower, 2014).

Em segunda instância, Kehl (2011) aborda a perspectiva de Freud e sua psicanálise para compreensão da melancolia. A pesquisadora busca nas obras, em especial no ensaio *Luto e Melancolia*, do psicanalista, interpretações para a expressão melancólica do sujeito, vinculados ao ego e a perda do objeto de afeto – instaurando o luto. Entretanto, seus apontamentos realçam as perspectivas clínicas da melancolia, ignorando os aspectos criativos presentes nos escritos desde a Grécia Antiga, principalmente por Aristóteles (Kehl, 2011).

Kehl (2011) traz à tona Aristóteles e suas considerações sobre a melancolia e a criatividade. Entre a consonância da percepção freudiana e a aristotélica, encontramos um ponto de semelhança e proximidade, podendo assim, vincular a potência da criação ao melancólico clínico, sendo ela a *mania*.

No que diz respeito à clínica da melancolia, me parece que a psicanálise depois de Freud pouco discutiu sobre a possibilidade de o sujeito estabelecer destinos sublimatórios para tais excessos pulsionais. Mas é justamente por essa via, a da sublimação do excesso pulsional disponível nos episódios de mania, que se poderia conciliar a teoria freudiana da melancolia com a antiga tradição que relaciona o melancólico ao “homem de gênio”. Talvez a mania nos ajude a entender a relação estabelecida, desde a Antiguidade clássica, entre melancolia e gênio criador (Kehl, 2011, p. 26).

Segundo a autora, a *mania* vai se instaurar entre uma disputa constante e inconsciente de duas forças ligadas ao luto e o objeto de afeto, sendo elas, “o impulso para abandonar o objeto e o seu oposto, a tendência da libido em se manter ligada a ele” (Kehl, 2011, p. 25), em outras palavras, o desejo de seguir em frente para criar novas afetações e a vontade de não abandonar o seu afeto conhecido. Ela se projeta como uma forma de se defender contra a perda do objeto de afetação. Já para Aristóteles, a melancolia estaria vinculada a bile negra em excessiva quantidade, a qual acarretaria um indivíduo polarizado em dois extremos, como se fosse um quente e um frio, semelhante a *mania* freudiana (Kehl, 2011).

Esta noção vinculada a bile negra remete à teoria dos humores da Antiguidade.

A tentativa de compreensão e definição do homem buscada pelos gregos vai encontrar na natureza elementos de comparação e analogia. Assim, as quatro

estações (primavera, verão, outono e inverno) e as quatro qualidades fundamentais da matéria (quente, frio, seco e úmido) inspiram Hipócrates e seu genro Políbio (Da natureza do homem) a destacar quatro humores que seriam responsáveis, através do equilíbrio ou desequilíbrio que manteriam entre si, pela saúde ou pela doença do corpo e da alma. A melancolia decorreria do excesso de uma substância natural, a bile negra. Que essa substância tenha ou não sido isolada pouco importa, a verdade é que a cor negra esteve sempre associada a esse sofrer (Peres, 2011, p. 63).

Logo, o vínculo conceitual entre Freud e Aristóteles está no paradoxo excessivo na melancolia, em que, ao mesmo tempo em que busca a melhora, também existe o desejo de não abandonar aquele afeto. Como criação, a presença e a experiência do sujeito em dois extremos simultâneos, lhe proporciona inspiração artística. Em outro momento, Silva (2025) vai analisar a melancolia e a tristeza como fonte de inspiração para a criação de obras e peças musicais. Seu trabalho aborda como a cantora pop Adele utiliza de suas experiências pessoais adversas, como, por exemplo, seu divórcio, para impulsionar a subjetividade de suas canções e criar um vínculo emocional com seu público, semelhante a um processo catártico.

Em outro escopo, a autora Robin James (2015) atribui uma nova percepção à melancolia. James busca compreender a relação entre melancolia e resiliência, a partir de um olhar para a biopolítica e o feminismo. Para ela, a melancolia serve como uma forma de resistência contra a produtividade neoliberal do capitalismo, em que a resiliência é a forma correta de viver. O luto melancólico servirá como uma ferramenta de transgressão e oposição. Seu trabalho analisa duas cantoras pop, Lady Gaga e Rihanna, de modo a compreender a forma como a melancolia presente em suas canções são interpretações de resistência (James, 2015). Em uma realidade em que a meta é a estabilidade, a instabilidade se torna algo a ser perseguido e destruído, e com isso, uma ótima ferramenta de expressão.

A melancolia, na perspectiva de James (2015), surge como uma alternativa à resiliência e uma resposta à cooptação da resistência. Para a autora, a melancolia é um método biopolítico "queer" e disfuncional de investir e intensificar a "morte" (práticas hegemonicamente inviáveis). A autora discute a noção de "resiliência desvirtuada", na qual a melancolia não é a falha em superar uma perda (como na formulação freudiana clássica), mas uma resiliência que falhou, uma incapacidade de se recuperar o suficiente e/ou na direção certa. É uma autocapitalização ineficiente ou insuficientemente

lucrativa, que parece um investimento na morte. Comportamentos melancólicos são aqueles julgados como insuficientemente resilientes.

A partir da perspectiva feminista, marxista e musicológica de Robin James (2015), musicalmente, a melancolia pode soar "entediada, monótona, sem rumo, apagada", ou apática, em contraste com a intensidade esperada da pop resiliente. Ela "curto-circuita" a estética da resiliência, como o soar e o *pause-drop*, impedindo-os de amplificar e intensificar como esperado. A autora articula a ideia de melancolia a gêneros musicais de origem negra como o R&B por exemplo.

As discussões teóricas sobre a presença da melancolia como uma potência a ser aderida ao desenvolvimento criativo de músicas e, ainda precisa de avanços teóricos ou de uma agenda de pesquisa como propõe na forma de ensaio autorreflexivo Lopes (2023). Nossa exploração inicial vai por um outro caminho para pensar as relações entre os imaginários de fãs sobre divas pop e a melancolia.

3 FÃS E DIVAS POP: APROXIMAÇÕES E DIFERENÇAS

Se a arte é uma forma do criador se comunicar com o próximo, logo é necessário contextualizar o vínculo indissociável dos artistas e seus adoradores, aqui adotados como: divas pop e fãs, respectivamente.

Diva pop compreende-se como uma espécie de personificação de uma divindade, desde a etimologia até sua presença na sociedade (Soares, 2020) como um ente célebre. Contudo, ela também será percebida a partir de algumas características base, como: poder, talento, glamour, não submissão, independência, inovação e repleta de adoradores (Lister, 2020). A partir dessas caracterizações, em especial a última, concebemos a diva como um sujeito que necessita do outro para existir e ocupar este cargo de prestígio da cultura pop.

Kathryn Woodward (2014), em seu trabalho, construirá uma percepção identitária a partir da compreensão de Stuart Hall sobre a existência de uma “crise de identidade” (Hall, 2022) que abarca a todos em uma sociedade pós-moderna.

A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que

davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social (Hall, 2022, p. 9).

A partir da descentralização identitária social relatada por Hall, Woodward (2014) argumenta uma via para a formulação de identidades no pós-moderno. Sendo ela a partir da diferença, ou como a mesma relata: “a identidade *depende* da diferença” (Woodward, 2014, p. 40, grifos da autora). Em sua obra, a pesquisadora refletirá diversas formas de modulações identitárias por meio da diferença, desde divergências nacionais entre países rivais até relações sociais entre classes – como sexualidade, raça, gênero e entre outros. Todas elas serão demonstradas a partir de símbolos que definirão suas subjetividades e como se expõem ao mundo.

O ponto de trazer a diferença para este debate está na construção de uma diva pop e sua dependência do fã para existir. Seu cargo só existirá, será celebrado e mantido no instante que o grupamento de fãs estiver presente e suprir a sua formulação identitária. Semelhante, os fãs também só existirá, celebrará e adorará, uma cantora pop, com a presença da diva pop na sociedade e na indústria cultural – neste caso, na música. A diva pop – em outras palavras, a celebridade – servirá como suprimento para preencher o “vazio” (Woodward, 2014) provocado pela crise de identidade (Rojek, 2008).

Enquanto suas divas cantam no palco, fãs [...] dublam todas as palavras, projetando seus próprios sonhos em seus ídolos femininos enquanto assumem em si, em pequena parte, a persona da diva. [...] Desta forma, enquanto a sociedade continuar a abraçar o empoderamento feminino, a deificação da diva irá, sem dúvida, prosperar, dado que a adoração da diva parece liberar tanto as divas adoradas quanto o adorador (Lister, 2020, p. 122).

Em meio a crise identitária, outra movimentação na indústria cultural também ocorre no moderno – e pós-moderno. Lister (2020) trabalhará com o surgimento e crescimento dessas mulheres poderosas no meio musical, as divas, o que ela denomina “divatização” – percebido a partir do culto à celebridade na sociedade contemporânea (Lister, 2020; Rojek, 2008). Lister equipara o culto às divas por mulheres e fãs ao culto a Lilith: “o culto a Lilith é uma forma de adoração à deusa, de mulheres celebrando as partes de si mesmas que podem reconhecer em seus ídolos escolhidos” (Lister, 2020, p. 122). Logo, não será somente um crescimento numérico de mulheres ocupando estes

espaços, mas de sujeitos criando identificações nessas figuras divinas e, consequentemente, estimulando a adoração.

Ambas as partes experienciam uma relação codependente com o outro. Não existe um sem o outro, cada um com o seu respectivo papel. Enquanto para a diva, situará o campo do talento e da inspiração, ao fã resta o papel da adoração. Entretanto, esta devoção se expressará de maneiras variadas, podendo ela ser percebida a partir da compra de *merchs* das artistas, ou por meio de produções de conteúdos em plataformas digitais, como o X (twitter), TikTok e entre outras, ou, até mesmo, pelo simples ato de ouvir as obras e álbuns de sua favorita.

Entretanto, a influência para o fã não se limita somente ao trabalho, a ele também é oferecido a identificação. Um papel proveniente não só da diva como relatado anteriormente, mas também da música (DeNora, 2000). Como demonstrado no trabalho de DeNora (2000), a música terá uma função social junto ao sujeito. Ela servirá como um modulador de expressões e emoções, mas sobretudo de subjetividade, em outras palavras, uma “tecnologia de si”. Seja para momentos felizes ou tristes, de foco ou ócio, a auralidade musical corrobora na definição e cuidado do indivíduo. A arte possui uma capacidade de interconectar com experiências do sujeito, algo que Ostrower (2014) chama de “assimilação”.

Com isso, parte da construção do fã vem dessa proximidade existente entre a tríade: fã/adorador x música pop x diva pop. A diva é responsável pela criação do produto sonoro, assim como pelo suprir do fã e completá-lo. A música reverbera benefícios para a diva, como econômico, social ou de pessoais, e entrega ao fã aquilo que lhe acompanhará no cotidiano de conexão parassocial com seu objeto de afeto. E o fã consome, dissemina e adapta a música para “mantê-la viva”, assim como fornece a diva adoração para manter sua existência e cargo.

Outro ponto relevante a ser contextualizado envolve a cultura e seu alcance global. Atualmente, especialmente após os avanços tecnológicos para as casas populares, o indivíduo comum torna-se um participante ativo dentro da comunicação e disseminação de informações. Processo esse denominado por Henry Jenkins como “cultura participativa” (Jenkins, 2015). Com isso, o acesso a produtos culturais torna-se mais amplo e fácil, instaurando a possibilidade de adesão de outros países a determinadas culturas antes só acessíveis de forma passiva. Chin e Morimoto (2024)

relatam o papel da transculturalidade na construção dos fandoms atuais, ou como elas chamam, os “*fandoms* transculturais”. Esta modalidade de adoradores será responsável pelo consumo, disseminação e reapropriação da cultura com base nas suas respectivas culturas nacionais. Em troca, se tornam devotos internacionais do ente produtor da peça cultural.

O trabalho aqui em relato se estabelece em meio a esta tríade e a este contexto transcultural. Como a música de uma diva pop britânica pode criar um imaginário na cabeça de fãs brasileiros? Em sequência, como a melancolia de uma artista britânica pode fazer com que fãs brasileiros se identifiquem e criem uma imagem sua como diva melancólica?

4 CAPITAL E BIOGRAFIA EM ADELE

Um fator relevante de abordagem teórica para esta pesquisa se encontra no conceito de “capital especulativo” (Soares, 2022). Ele se expressa por meio de “uma espécie de ativo capaz de promover mobilização em rede a partir do caráter emocional de alguns dramas sociais protagonizado por artistas musicais” (Soares, 2022, p. 102). Ou seja, esta forma de valoração age na dualidade do artista musical e do fã.

A especulação demonstra-se a partir do imaginário do adorador, se desenvolvendo por meio do conteúdo disseminado pelo famoso, o qual é reformulado e distribuído com outros fãs. Em seu artigo, Soares (2022) irá trabalhar com o álbum “Doce 22” de Luísa Sonza e como a cantora pop brasileira aplicou sua biografia na composição da obra. Seus resultados revelam a importância da subjetividade da cantora na construção do álbum. Essa inserção pessoal corroborou com a criação de conteúdos adicionais sobre a cantora, aumentando a reverberação de sua música. Além do conteúdo inserido nas músicas, as fofocas em torno de sua vida na época também escalaram como um ativo relevante, como por exemplo, o seu término com o Whindersson Nunes, seu ex-marido – ganhando até uma canção sobre o assunto no álbum, nomeada “Penhasco”.

As plataformas digitais entram como um artifício complementar para a disseminação do especulado. As ferramentas disponibilizadas por este espaço auxiliam

no compartilhamento do conteúdo. Os fãs, por sua vez, utilizam-se desse espaço como forma de expressão em comunhão com as funcionalidades disponíveis (Silva, 2024).

Logo, a biografia embutida nas produções musicais por artistas do ramo são importantes vieses de análise. Pois, os mesmos são capazes de criar e amplificar a conexão preexistente na dicotomia fã-ídolo. Em Adele, em semelhança com a cantora Luísa Sonza, a biografia de suas músicas gira em torno de ocorrências tristes do seu cotidiano: términos, solidão, depressão, melancolia etc.³ (Silva, 2025).

No seu último álbum, a cantora pop britânica reflete sobre seu relacionamento do passado com seu ex-marido, sua atual relação com seu filho, Angelo, sua luta com a depressão e a sequente superação, como uma espécie de *storytelling*. A subjetividade sobreposta sobre a obra funciona como uma forma de catarse, capaz de aprofundar as canções e criar conexões além do sonoro (Silva, 2025).

A criação e educação providenciaram uma base para o acúmulo de seu capital cultural. Vinda da classe média e de uma família monoparental de Londres, ela foi profundamente influenciada pela cultura da cidade, especialmente a atmosfera multicultural da área de Tottenham, a qual englobava variadas etnias e classes sociais. Sua mãe era uma artista e a expôs a uma gama de conteúdos artísticos desde nova. Essas experiências permitiram a ela incorporar uma variedade de elementos musicais do *Blues*, *Soul* e *Jazz* em suas composições musicais, dando ao seu trabalho uma profundidade cultural única (Wang, 2025, p. 194, tradução e grifos dos autores).

Xiya Wang (2025), pesquisadora chinesa, propõe em seu artigo, avançar os estudos de música pop e a perspectiva sócio-cultural. Para isso, ela parte de três autores base: Roland Barthes, Pierre Bourdieu e Ludwig Wittgenstein. Seu objetivo foi abordar conceitos de cada um e contextualizar a importância sócio-cultural da cantora junto a sua audiência. Em Barthes, o “*punctum*”; em Bourdieu, o “*habitus*” e o “capital cultural”; e em Wittgenstein, a “visão de aspectos”.

Ainda em Wang (2025), ela utiliza a ideia de “*punctum*”, de Barthes, para representar essa centralização do sensível emocional, invisível ao racional. De Bourdieu, o *habitus* refere-se “a tendência de pensar e se comportar que os indivíduos internalizam durante o processo de socialização” (Wang, 2025, p. 193, tradução dos autores), enquanto o capital cultural representa “os vários recursos acumulados pelos

³ Para saber mais, ler: <https://www.uai.com.br/app/noticia/musica/2015/11/19/noticias-musica,174237/adele-canta-superacao-melancolica-nas-faixas-de-25.shtml>. Acesso em: 04 ago. 2025.

indivíduos no seu contexto cultural, educacional e familiar” (Wang, 2025, p. 193). Por último, em Wittgenstein, a “visão de aspectos” busca detalhar como a histórico sócio-cultural de cada indivíduo interfere na sua interpretação aural junto a música.

Ao resgatar essas perspectivas, seu intuito é justificar a interpretação dos ouvintes a partir da subjetividade inserida na canção *Someone Like You* de Adele, e como essa escuta se adapta com base nas diferenças sociais e culturais de cada um, incluindo a própria cantora nesse processo. Wang reflete,

[p]or exemplo, em algumas culturas, a perda do amor pode ser vista como uma emoção que precisa ser reprimida e restringida, enquanto em outras, a expressão evidente de emoções é mais comum. As respostas emocionais dos ouvintes são, portanto, profundamente influenciadas pela experiência pessoal, normas sociais e contexto cultural (Wang, 2025, p. 198, tradução dos autores).

Esse conceito aproxima-se do proposto por Ostrower (2014), referido como “assimilação”, em que o indivíduo vincula a arte (in)conscientemente a um fato ocorrido em sua vida, presente em sua memória. É importante pontuar também, que a percepção sócio-cultural não se limita somente ao individual, mas se expande a um escopo compartilhado e coletivo (Wang, 2025).

Portanto, a subjetividade do artista imbuída em cada canção, além das demais informações disponibilizadas pela mídia, pelos artistas e outros meios, são importantes para a compreensão da carreira e para a construção do imaginário sobre essas figuras da fama e suas respectivas vidas. Logo, após esta contextualização, torna-se necessário um aprofundamento mais detalhado das expressões individuais e coletivas de cada fã com seus objetos de adoração.

5 DESCRIÇÃO METODOLÓGICA DA ANÁLISE

A abordagem metodológica escolhida para esta análise volta-se para a coleta de dados por questionário digital (Bernal, 2010). O documento contou com 15 perguntas no total, abertas e fechadas – 3 e 12, respectivamente. A divulgação foi feita, também, de forma online, mais especificamente pelas redes sociais como Instagram e Twitter de *fandoms* digitais, como o AdeleLaurieBr (@adelelauriebr) e o Adele Access Br

(@adeleaccesbr). A escolha da divulgação por esses grupos de fãs se dá na relevância de conteúdo para a comunidade brasileira de adoradores, além da quantidade de seguidores e engajamento em suas publicações – 296 mil e 12 mil, respectivamente. A postagem foi divulgada por meio dos stories das plataformas mencionadas. O questionário foi veiculado dentro do período de 24/02/2025 e 08/04/2025.

Relata-se aqui, além das especificidades positivas, uma limitação desta análise. Ela corrobora somente com a perspectiva dos fãs presentes nas plataformas digitais, visto a forma como foi selecionada para a coleta dos dados. Com isso, os dados correspondem somente a este espaço, não considerando aqueles que não estão presentes nos dois fandoms escolhidos. Além disso, a opção da coleta digital é mais benéfica para o desenvolvimento desta pesquisa por conceber a possibilidade de um escopo maior de trabalho, onde, ao invés de obter percepções somente locais, é possível obter respostas em aspecto nacional.

Ao todo foram coletadas 234 respostas de todo o Brasil. As perguntas permearam em torno de algumas temáticas. Primeiro, questões demográficas e pessoais sobre cada fã, como faixa etária, gênero e sexualidade – pois, esta pesquisa não irá identificar o fã, mantendo seu anonimato, e utilizando esses dados iniciais como forma de identificação (ex.: “Homem cis, jovem adulto, branco, homossexual, região sul”). Segundo, questões de gosto e consumo. Por último, descrições do vínculo afetivo de cada fã com a Adele.

Embora o questionário apresente 15 perguntas, para esta pesquisa só será realizada a análise de uma: “Me conte a sua história com a Adele”, a qual está no formato aberto. Na totalidade das 234 respostas, somente 155 serão consideradas. A justificativa deste corte está na temática abordada nesta pesquisa: a melancolia presente em Adele e seu imaginário. Logo, foi selecionado somente os resultados que relatam sobre este tema.

6 DAYDREAMERS BRASILEIROS⁴: ANÁLISE DO QUESTIONÁRIO DIGITAL

Nesta seção, serão analisadas as 155 respostas separadas sobre a temática da melancolia e a cantora Adele. Entretanto, não serão registradas e/ou citadas todas as participações, mas, sim, o conteúdo verificado resumidamente de modo a comprovar o proposto. A pergunta analisada não aborda diretamente a melancolia, entretanto, a maioria de suas respostas abordou este tema.

Um primeiro relato permeado nas respostas ao questionário é sobre as músicas e melodias da cantora britânica Adele. As sonoridades, instrumentalizações e vocais são alguns dos pontos relatados como característicos para uma ótima experiência dos adoradores junto a diva pop. Esses aspectos corroboram com a consolidação de Adele como uma diva melancólica. Segundo o relato de um dos participantes: “Independente do que a letra diga, a melodia é o [que] mais me pega, então, posso sentir de liberdade à tristeza. Porém, em sua grande maioria, me despertam serenidade, calma e... liberdade” (Não-Binário/a/e, jovem adulto/a/e, preto/a/e, panssexual, região sudeste). Um fator interessante está na dualidade expressada pelo adorador, em que, da mesma forma que se sente triste, ele sente uma espécie de libertação. É como se anteriormente existisse algo que o prendendo ou pesando em sua vida e, após a escuta das canções, isso desaparecesse.

Outro aspecto muito elencado envolve um certo sentimento de nostalgia e ressignificação. Diversos relatos abordam a cantora e suas músicas como um artifício de relembrar memórias, sensações, experiências ou vivências próprias que já passaram, além de auxiliar a compreender. Tal expressão memora o conceito de “assimilação” proporcionado por Ostrower (2014) e elencado anteriormente no debate,

Conheci a Adele na adolescência, ela tinha acabado de lançar o 21 e eu amei como ela conseguia ser vulnerável publicamente. Com o passar dos anos eu notei que as músicas ainda faziam sentido e era/é muito interessante chegar na idade dos títulos dos álbuns, parece que tudo que ela canta faz mais sentido. Acredito que um dos motivos de eu continuar ouvindo é porque são músicas atemporais. Agora, com 27 anos, eu volto a ouvir o 19, 21 e o 25 com o sentimento de "nossa! passei por muita coisa". E com o 30 eu tenho a

⁴ Contextualizando, *daydreamer* é o nome do fandom da Adele. Este nome foi escolhido pois faz alusão a primeira faixa de seu primeiro álbum, “19”, chamada “*Daydreamer*”. Para saber mais, verificar: https://adele-fandom.com.translate.google/wiki/Daydreamers?_x_tr_sl=en&_x_tr_tl=pt&_x_tr_hl=pt&_x_tr_pto=tc. Acesso em: 08 ago. 2025.

sensação de que vale a pena passar por tudo, mesmo quando parece ser extremamente difícil. "Just hold on" (Homem Cis, jovem adulto, branco, homossexual, região nordeste).

As letras me fazem refletir sobre minha vida, sobre momentos que vivi e sentimentos que às vezes nem sabia que estavam ali. Sua voz tem uma intensidade única, que parece abraçar a alma e trazer conforto. Não importa quantas vezes eu escute, sempre encontro algo novo, um detalhe que me faz amar ainda mais cada música (Não informado, jovem, branco/a, não informado, região sul).

Em sequência, uma outra forma de expressão também foi registrada. Ao invés do acionamento de memórias existentes no (in)consciente do sujeito, foi percebido a empatia com a subjetividade apresentada nas canções da cantora. Em um relato de uma fã é dito, “[...] a Adele me faz sentir uma *vibe* boa de viver a vida alegre, saber a história de vida dela é como se eu estivesse sofrendo por um amor que nunca aconteceu [...]” (Mulher Cis, jovem, branco/a, heterossexual, região sudeste). Outra adoradora diz: “As músicas da Adele me fazem sentir um turbilhão de sensações, sofro sem nunca nem ter beijado ninguém kkkk” (Mulher cis, jovem adulta, branca, homossexual, região nordeste). Em outro: “Consumo por amar o sentimentalismo evidente em suas músicas, mesmo não vivendo grande parte de seus desastres em relacionamento” (Homem Cis, jovem, pardo, homossexual, região sul). Portanto, é notório não só uma identificação do sentimentalismo com o passado de cada fã, mas também, uma aproximação e empatia com a dor do próximo, que, de certa forma, os preenche e agrada. Semelhante ao percebido por Wang (2025), em sua análise de “*Someone Like You*”.

Algumas respostas pendiam, também, para um vínculo entre a auralidade e os sentimentos, um vínculo entre o ato de escutar a música enquanto está experienciando determinadas emoções – ou a ausência delas, nos casos depressivos.

Conheci Adele por uma música, onde eu estava com um estado de saúde muito grave, aí escutei uma parte de uma música dela. Me tornei fã dela depois de assistir a alguns vídeos no YouTube. Costumo escutar mais quando estou só em casa, porque é o que me salva da ansiedade e da raiva... As músicas de Adele me faz refletir muito sobre o que ocorre comigo (Não informado, jovem, pardo/a, bissexual, região nordeste).

[...] Eu geralmente escuto as músicas da Adele quando estou triste ou fazendo outras coisas. As músicas da Adele me fazem sentir mais calma e tranquila, pode ser a mais triste mas me acalma (Não informado, jovem, pardo/a, bissexual, região sudeste).

Os dois exemplos citados compõem uma pequena parcela da quantidade de respostas voltadas para vínculo emocional e a escuta das músicas. No primeiro, o fã descreve brevemente como as músicas da diva pop auxiliam a lidar com momentos de ansiedade e raiva, enquanto o segundo, relata que ouve a cantora quando se sente triste e precisa se acalmar. Outros sentimentos – positivos ou negativos – também são registrados como a alegria, depressão etc.

Em um tópico semelhante ao anterior, vimos a necessidade de uma abordagem separada ao parágrafo escrito, pois, é de importante sinalização e atenção. Dentre o total de 155, 26 respostas se destacam. Além da representação emocional evidenciada anteriormente, essas respostas evidenciam um outro eixo, as músicas da cantora como salvação das vidas dos fãs. Esses preenchimentos específicos tornam-se relevantes por apresentarem um relato maior que somente cuidado ou conforto, mas uma forma de cura e/ou terapia através das produções da diva pop Adele. É importante sinalizar também, a importância e fragilidade da existência deste tipo de relato, visto se tratar de dores, em sua maioria, pessoais e profundas – algumas apresentam uma maior descrição de sua história, enquanto outras são mais concisas, contudo, todas são importantes.

Adele se tornou a minha trilha sonora de vida. Através da arte dela, despertou um amor pela música, pelos instrumentos, e também floresceu meu lado mais melancólico. Hoje nos meus 22 anos, posso dizer que através das músicas da Adele a minha vida foi "salva", as músicas até que eu ouvia e chorava pois refletia algo que eu estava vivendo, hoje eu ouço e não como o mesmo sentimento de antes, mas de superação e de cura. Sou extremamente apaixonado nos detalhes, nas declarações que cada música tem. Enfim, Adele é um sentimento! (Homem cis, jovem adulto, pardo, bissexual, região norte).

Adele é um sentimento, e em mim, um dos sentimentos mais lindos que eu tenho. Mesmo sem conhecê-la pessoalmente, eu a amo com toda a minha força! O que é muito engraçado, porque ela de fato foi a minha primeira e única! Primeira cantora que me salva, primeira cantora que eu amo, primeira cantora que eu me importo (mesmo ela não sabendo da minha existência). E ela sempre será a única! Eu poderia escrever um livro com mais de 10.000 palavras, mas ainda não será suficiente comparado a tudo que ela me faz sentir, e tudo o que sinto por ela e tudo que ela é para mim. Então, se eu pudesse dizer apenas uma coisa pra ela, seria: obrigada por existir, você salvou minha vida e eu te amo! (Mulher cis, jovem adulta, parda, bissexual, região sudeste).

[...] Enquanto as pessoas a rotulam como uma artista que só faz músicas depressivas e melancólicas, ou uma pessoa que faz as mesmas coisas sempre, é como se eu pudesse amenizar tudo em minha vida com a voz dela. Eu não

estaria exagerando se dissesse que a arte da Adele salva a minha vida diariamente. Falo com convicção, a arte dela esteve presente quando decidi desistir de tudo, mas persisti em estar aqui. Ela sempre está quando penso em abandonar tudo (Mulher cis, jovem adulta, branca, homossexual, região sudeste).

O último relato elencado reflete sobre a definição de Adele como uma diva melancólica – objetivo deste artigo –, relatando que ela não representa só isso. Concordamos com essa visão sobre a cantora, entretanto, também é interessante reforçar que ser melancólica também é um de seus maiores talentos e marcas em meio a indústria cultural. Realmente, ela não é só sua tristeza, mas ao mesmo tempo, é esse sentimento acoplado ao seu nome que faz com que seus fãs queiram vê-la e ouvi-la cada vez mais.

Ligando aos pontos elencados, outro relato potente do questionário está em relação à subjetividade presente nas obras da Adele. Os fãs descrevem como ela consegue utilizar sua experiência própria como uma forma de tornar seus álbuns mais interessantes e prazerosos de se ouvir, como apresentado por Silva (2025) em seu trabalho. Uma fã descreve: “Grande parte das músicas da Adele são situações e sentimentos que ela estava passando ou sentindo, ela transforma sua dor e suas emoções em música e isso é incrível” (Mulher cis, jovem adulta, branca, heterossexual, região sul).

Caminhando para o encerramento, destaca-se também respostas elencando vínculos afetivos além da cantora pop Adele, como pais, avós, amigos, parentes etc. Experiências melancólicas compartilhadas junto a pessoas próximas e queridas e, em alguns casos, de perda e memória. Um fã em específico descreve brevemente a importância da cantora na conexão com sua falecida avó.

Bom, eu conheci as músicas da Adele quando eu era criança, em uma novela que tinha, que tinha a música "I set fire to the rain" e depois dessa música eu me apaixonei por ela, e eu cantava com a minha avó "someone like you", eu cantava com ela, antes dela falecer em 2021, a gente amava essa música, e toda vez que eu ouço essa música, eu me lembro da minha avó cantando CMG, e se divertindo e sempre choro (Homem cis, jovem adulto, branco, homossexual, região sul).

Para esse fã, a música melancólica de Adele tornou-se uma forma de lidar com a dor e a perda, mas não só isso, também criou um vínculo afetivo com aquela que se foi.

Por último, houve também algumas respostas descrevendo especificamente a Adele como diva pop melancólica, mas não somente isso, esses adoradores também compararam a cantora a uma famosa brasileira, a Marília Mendonça. “Com certeza ela é a nossa diva dos clássicos românticos, mas também das sofrências amorosas, ou seja, podemos afirmar que a Adele é a nossa Marília Mendonça gringa” (Mulher cis, adulta, branca, heterossexual, região sudeste). Outra fã também relata: “Desde que a Marília Mendonça faleceu, eu fiquei triste, então depois encontrei a Adele e apaixonei” (Mulher cis, jovem adulta, branca, heterossexual, região sudeste).

Essa comparação tem a ver com o imaginário construído sobre a Marília Mendonça, a qual, por escrever “feminejos” de amor e o sofrimento, foi consagrada, antes de sua morte, como a “rainha da sofrência”⁵. Portanto, essa comparação, assim como os pontos apresentados pelos fãs no questionário digital, auxilia a confirmação de que o imaginário brasileiro sobre a diva pop Adele é envolvido na trama melancólica. Contudo, não como uma simples denominação mórbida, mas como uma potência de sua carreira e produções musicais (James, 2015).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta deste artigo foi debater inicialmente, a partir da percepção dos fãs brasileiros, o imaginário sobre a cantora britânica Adele como diva pop melancólica. A abordagem metodológica utilizada circundou a análise documental, com o intuito de criar debates sobre as temáticas de melancolia, cultura e música pop, capital e fãs. Em um segundo ponto, foi utilizado para a análise um questionário veiculado digitalmente junto (Bernal, 2010) a dois fandoms brasileiros da cantora (AdeleLaurieBr e Adele Access Br), coletando um total de 234 respostas, entretanto, somente utilizando 155.

A análise apresentou respostas variadas em torno dos afetos existentes entre a diva pop e os *daydreamers* brasileiros. Relatos abordando aspectos técnicos e vocais em soma a tristeza e melancolia, exaltação da subjetividade “profunda” da cantora e exposição de sua dor, reconhecimento da cantora como um “ponto de ancoragem”

⁵ Para saber mais, leia: <https://tv.sbt.com.br/programas/jornalismo/fofocalizando/noticia/283846-marilia-mendonca-faria-30-anos-hoje-relembra-a-carreira-da-rainha-da-sofrenca>. Acesso em: 07.ago. 2025.

(Rojek, 2008) responsável pela cura e salvação de diversas vidas, além de vincular as produções melancólicas da cantora a períodos da vida de cada fã, como uma nostalgia ou uma autorreflexão.

A melancolia também se apresentou como um ponto de potência a ser considerado (James, 2015). Além das capacidades de impulso criativo previstas sob seu escopo (Kehl, 2011; Peres, 2011), ela pode ser vista como uma forma de resistência aos moldes modernos e neoliberais da resiliência na sociedade contemporânea. “Se boas garotas resilientes escolhem a vida, garotas malvadas melancólicas vão em direção à morte” (James, 2015, n./p.). O questionário, em consonância, apresentou respostas que mostram essa força presente na melancolia. A partir dos relatos coletados, foi possível registrar diversos aspectos de similaridade entre os fãs e a diva pop através da melancolia.

Além de tudo, a pesquisa também apresentou resultados diretos da cantora e o vínculo ao imaginário brasileiro. Primeiro, junto às telenovelas como “Avenida Brasil” e “Fina Estampa”, que contaram com músicas da diva pop em sua trilha sonora. E, em segundo, por meio da comparação entre Adele e a falecida cantora do sertanejo, Marília Mendonça. Ao apresentar o nome das duas cantoras, é dito que a cantora britânica representa uma versão estrangeira e tão potente quanto a Marília foi – e de certa forma ainda é –, a ponto ser uma das representantes do título de “Rainha da Sofrência”.

Portanto, a partir desses apontamentos, foi percebido que existe no imaginário dos fãs brasileiros da diva pop, um viés enfatizando a sua melancolia como parte de sua potência (James, 2015). E, ao mesmo tempo, por intermédio da disseminação de sua subjetividade através de suas músicas, cria-se uma conexão profunda e sentimental junto as histórias de vida de seus adoradores.

REFERÊNCIAS

BERNAL, César Augusto Torres. **Metodología de la investigación**. 3. ed. Bogotá: Pearson Educación, 2010.

CHIN, Bertha; MORIMOTO, Lori Hitchcock. Rumo a uma teoria do fandom transcultural. **Brazilian Creative Industries Journal**, v. 4, n. 1, p. 24-45, 2024.

DENORA, Tia. **Music in everyday life**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

DUFFETT, Mark. Celebrity: The Return of the Repressed in Fan Studies? *In*: DUITTS, Linda; ZWAAN, Koos; REIJNDERS, Stijn. (Eds.). **The Ashgate Companion to Fan Cultures**. Surrey: Ashgate, 2014. p. 163-180.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 12. ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2022.

KEHL, Maria Rita. Melancolia e Criação. *In*: FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

JAMES, Robin. **Resilience & melancholy**: Pop music, feminism, neoliberalism. New Alresford: John Hunt Publishing, 2015.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2015.

LOPES, Denilson. Melancolia Pop: Confissões do Rapaz mais Triste do mundo. **REBEH - Revista Brasileira de Estudos da Homocultura**, Cuiabá, v. 6, n. 21, p. 382-397, set./dez. 2023.

LISTER, Linda. Divatização: A deificação das mulheres popstars modernas. *In*: SOARES, Thiago; LINS, Mariana; MANGABEIRA, Alan. (Orgs.). **Divas pop**: o corpo-som das cantoras na cultura midiática. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 111-125.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação**. 30. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

PERES, Urania Tourinho. Uma ferida a sangrar-lhe a alma. *In*: FREUD, Sigmund. **Luto e Melancolia**. Trad. Marilene Carone. São Paulo: Cosac & Naify, 2011.

ROJEK, Chris. **Celebridade**. Trad. Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2008.

SILVA, Guilherme Alves. **Catarse Criativo**: Neuromarketing e Consumo Emocional na obra "30" de Adele. Rio de Janeiro: Multifoco, 2025.

SILVA, Guilherme Alves. "Mãe dos LGBT": performances (digitais) de Adele e seus fãs brasileiros pela comunidade LGBTQIAPN+. **e-Com**, Belo Horizonte, v. 17, p. 80-95, 2024.

SOARES, Thiago. Divas pop: o corpo-som das cantoras na cultura midiática. *In*: SOARES, Thiago; LINS, Mariana; MANGABEIRA, Alan. (Orgs.). **Divas Pop**: o corpo-som das cantoras na cultura midiática. Belo Horizonte: Fafich/Selo PPGCOM/UFMG, 2020. p. 25-42.

SOARES, Thiago. Performance e capital especulativo na música pop. **Logos**, Rio de Janeiro, v. 29, n. 1, 2022, p. 99-114.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. In: HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn; SILVA, Tomaz Tadeu da (Orgs.). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15. ed. Petrópolis: Vozes, 2014, p. 7-72.

WANG, Xiya. A Multidimensional Analysis of Adele's Someone Like You: Culture, Society, and Emotion. In: **4th International Conference on Science Education and Art Appreciation (SEAA 2025)**. Atlantis: Atlantis Press, 2025. p. 192-199.

Sobre os autores

Guilherme Alves

Mestrado em Comunicação em andamento na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Graduado em Comunicação Social: Publicidade e Propaganda pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Bolsista Faperj Nota 10 e integrante do grupo de pesquisa CULTPOP (Cultura Pop, Comunicação e Tecnologia) e CATS (Culturas Aurais e Tecnologias de Si).

ORCID: <https://orcid.org/0009-0002-7907-4928>

Adriana Amaral

Professora do Departamento de Estudos Culturais e de Mídia atuando nos cursos de graduação em Estudos de Mídia e professora permanente no PPGCOM da Universidade Federal Fluminense (UFF). Pesquisadora do CNPq (Nível B) e coordenadora do CULTPOP - Laboratório de Pesquisa em Cultura Pop, Comunicação e Tecnologias. Realizou Pós-doutorado em Mídia, Cultura e Juventude na University of Surrey e Doutorado em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (RS). Atua na área de cultura digital, cultura pop e cultura de fãs.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9159-2352>

Como citar esse artigo

ALVES, G.; AMARAL, A. Pode uma diva pop ser melancólica? O imaginário dos fãs brasileiros sobre Adele, suas músicas e a melancolia. **Passagens: Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal do Ceará**, Fortaleza, v. 16, n. especial, p. 64-83, 2025.

RECEBIDO EM: 20/06/2025

ACEITO EM: 24/10/2025



Esta obra está licenciada com uma *Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional*